

Especial Universidades

Na monitoria de hoje, vamos trabalhar dois gêneros textuais que são comuns nos exames vestibulares: o artigo de opinião e a carta argumentativa.

- **Artigo de Opinião.**

Um diálogo nada fácil

Acordei segunda-feira com o alívio de quem saiu de um bombardeio ou de uma intoxicação de palavras. No balanço das últimas eleições, faltou dizer que, além de ter sido uma das disputas mais aguerridas e virulentas, e de resultado mais apertado, foi também a que mais subverteu a semântica, promovendo uma revolução dos significados. Os termos ganharam novos sentidos, às vezes opostos ao original, conforme eram usados por um ou outro candidato. “Desconstruir”, por exemplo, como observou Ancelmo Gois, vai finalmente “voltar a ser usado na construção civil”, de onde nunca deveria ter saído, pois ganhou a conotação de demolir, desmoralizar, desqualificar não uma obra, mas a reputação do adversário. “Mudança”, outra das mais empregadas nos debates do segundo turno, tornou-se um lugar-comum dos dois oponentes, que quando não tinham o que oferecer de concreto, prometiam mudar — mudar conservando ou conservar mudando, mudar às vezes só de cadeira.

O pior é que o hábito contaminou o dia, ou melhor, a hora seguinte. No discurso da vitória, a insistente proposta de “união” e “diálogo” apresentou-se contraditória. A oposição e o candidato derrotado, que seriam os interlocutores naturais dessa inflexão pacifista, nem foram citados. Aliás, muito deselegante por parte da vencedora desobedecer a praxe civilizada e negar-se a pronunciar o nome do perdedor, do qual já tinha partido um gesto de distensão ao telefonar para ela cumprimentando pela vitória. A oradora pode alegar que o discurso fora escrito não por ela, que apenas leu. Mas poderia acrescentar as dez letras de Aécio Neves que não prejudicaria o texto, ao contrário, valorizaria. Na democracia, diálogo é conversa entre diferentes, de preferência entre opostos. Entre iguais é monólogo a dois. Assim, o não-dito talvez tenha sido mais revelador do que o dito na mensagem presidencial. Outro paradoxo foi a afirmação “não acredito que essas eleições tenham dividido o país”. Por que então propor a união?

Já que a presidente está falando tanto em mudança, cabe perguntar se ela mesma está disposta a mudar de temperamento e de estilo de governar. No segundo turno, houve até esforço para se apresentar mais simpática e menos autoritária, sem conseguir esconder de todo a impaciência e a irritabilidade que seus auxiliares e ministros conhecem bem. Dizem que, ao contrário de Lula, ela é de guardar, de não esquecer com facilidade o que considera ofensa. E nessa eleição o pote ficou até aqui de mágoa.

Como se sabe, a “Joana d’Arc da subversão”, como a chamavam seus algozes, não cedeu ou transigiu nem sob tortura. Isso, que é uma rara qualidade humana, pode ser em política, arte da negociação, uma dificuldade para seu projeto de união e de diálogo num cenário de forte oposição.

Por Zuenir Ventura

29/10/2014

Fonte: <http://oglobo.globo.com/opiniaio/um-dialogo-nada-facil-14387390>

- **A Carta Argumentativa**

Rio de Janeiro, 20 de abril de 2014

Prezados senhores,

Uns amigos me falaram que os senhores estão para destruir 45 mil pares de tênis falsificados com a marca Nike e que, para esse fim, uma máquina especial já teria até sido adquirida. A razão desta cartinha é um pedido. Um pedido muito urgente.

Antes de qualquer coisa, devo dizer aos senhores que nada tenho contra a destruição de tênis, ou de bonecas Barbie, ou de qualquer coisa que tenha sido pirateada. Afinal, a marca é dos senhores, e quem usa essa marca indevidamente sabe que está correndo um risco. Destruam, portanto. Com a máquina, sem a máquina, destruam. Destruir é um direito dos senhores.

Mas, por favor, reservem um par, um único par desses tênis que serão destruídos para este que vos escreve. Este pedido é motivado por duas razões: em primeiro lugar, sou um grande admirador da marca Nike, mesmo falsificada. Aliás, estive olhando os tênis pirateados e devo confessar que não vi grande diferença deles para os verdadeiros.

Em segundo lugar, e isto é o mais importante, sou pobre, pobre e ignorante. Quem está escrevendo esta carta para mim é um vizinho, homem bondoso. Ele vai inclusive colocá-la no correio, porque eu não tenho dinheiro para o selo. Nem dinheiro para selo, nem para qualquer outra coisa: sou pobre como um rato. Mas a pobreza não impede de sonhar, e eu sempre sonhei com um tênis Nike. Os senhores não têm ideia de como isso será importante para mim. Meus amigos, por exemplo, vão me olhar de outra maneira se eu aparecer de Nike. Eu direi, naturalmente, que foi presente (não quero que pensem que andei roubando), mas sei que a admiração deles não diminuirá: afinal, quem pode receber um Nike de presente pode receber muitas outras coisas. Verão que não sou o coitado que pareço.

Uma última ponderação: a mim não importa que o tênis seja falsificado, que ele leve a marca Nike sem ser Nike. Porque, vejam, tudo em minha vida é assim. Moro num barraco que não pode ser chamado de casa, mas, para todos os efeitos, chamo-o de casa.

Uso a camiseta de uma universidade americana, com dizeres em inglês, que não entendo, mas nunca estive nem sequer perto da universidade – é uma camiseta que encontrei no lixo. E assim por diante.

Mandem-me, por favor, um tênis. Pode ser tamanho grande, embora eu tenha pé pequeno. Não me desagradaria nada fingir que tenho pé grande. Dá à pessoa certa importância. E depois, quanto maior o tênis, mais visível ele é. E, como diz o meu vizinho aqui, visibilidade é tudo na vida.

Atenciosamente,
D.F.S